

## EDUCAÇÃO ESTÉTICA PARA A FORMAÇÃO DO CIDADÃO REPUBLICANO: POESIA, TEATRO E IMPRESSOS ESCOLARES NO GRUPO ESCOLAR TENENTE CORONEL JOSÉ CORREIA – ASSÚ/RN (1911-1927)

Gilson Lopes da Silva\*

Marlúcia Menezes de Paiva\*\*

**RESUMO:** Neste trabalho analisamos a proposta de formação do cidadão republicano por meio da educação estética presente no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, implantado em 1911 na cidade do Assú, interior do Rio Grande do Norte. No início do período republicano, os grupos escolares representavam a base para a formação de uma nova identidade nacional, propagando hábitos de civilidade, urbanidade e patriotismo, valores que se manifestariam pela necessidade de uma educação estética facilitando a assimilação das propostas do projeto republicano. Nos apropriamos das reflexões de Veiga (2003) e das análises que a autora desenvolveu em torno do conceito de educação estética como elemento essencial de formação e construção do cidadão culto e letrado que o governo visava formar por meio da educação escolar. No Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, essa perspectiva pode ser notada na declamação de poesias, apresentações teatrais, festas escolares e cívicas e na produção de impressos escolares. As atividades culturais e literárias presentes na instituição ampliavam as dimensões de ensino-aprendizagem, visavam o aperfeiçoamento dos sentidos e expressavam uma cultura que evidencia a assimilação da formação de um cidadão em sintonia com os valores da República.

**Palavras chave:** Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia; Educação Estética; República; Cidade do Assú.

### INTRODUÇÃO

Os grupos escolares foram implantados no estado de São Paulo, em 1893, logo após a Proclamação da República, ocorrida em 1889, fazendo parte de um projeto de reforma social moderna e a base para a formação de uma nova identidade nacional, propagando hábitos de civilidade, urbanidade e patriotismo. As instituições apresentavam um conjunto de inovações pedagógicas como espaço arquitetônico próprio, diversificados recursos didáticos e constituíam-se pela reunião ou agrupamento de três ou mais escolas isoladas, regidas cada uma por um professor, compreendendo cursos infantil, elementar e complementar, sob a direção de um diretor. Prezavam por profissionais preparados e atuantes na formação humana e moral dos alunos, produzindo um novo perfil de homem e mulher num espaço social moderno.

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN. E-mail: [gillopes2000@hotmail.com](mailto:gillopes2000@hotmail.com)

\*\* Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRN. E-mail: [mmarlupaiva3@gmail.com](mailto:mmarlupaiva3@gmail.com)

Como referencial teórico, nos pautamos principalmente nas reflexões de Veiga (2003), que destaca uma diversidade de elementos que formavam um conjunto essencial para que os intentos e objetivos do governo republicano fossem alcançados por meio da educação primária.

Segundo a autora, o despertar e a formação da civilidade do povo brasileiro, do fazer, pensar e sentir escolarizado, se manifestaria pela necessidade de uma educação estética para alcançar a população e facilitar a assimilação das propostas do projeto republicano de reinvenção da nação. A ideia de educação estética pode ser notada na educação das mulheres para o lar, no cuidado com os hábitos de higiene, na declamação de poesias e versos, nos cantos, nas danças e apresentações teatrais, nas festas escolares e cívicas e na própria arquitetura dos grupos escolares.

O objetivo deste artigo é analisar a proposta de formação do cidadão republicano por meio da educação estética presente no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, implantado em 1911 na cidade do Assú, interior do Rio Grande do Norte. Desenvolvemos levantamento documental e bibliográfico e utilizamos como fontes documentos relacionados com a implantação do grupo escolar e trabalhos de memorialistas que escreveram sobre o contexto cultural e literário da cidade do Assú.

### **Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia: uma instituição escolar propagando valores de educação estética para a formação de um novo cidadão**

No estado do Rio Grande do Norte, ocorre nos primeiros anos da República uma proposta de municipalização do ensino que, inicialmente, tirava do poder público estadual a competência pelo ensino e apresentava um projeto de organização com os municípios. Porém, o estado transferia lentamente para os municípios a maior parte dos encargos relativos à educação. Por sua vez, os municípios não tinham condições financeiras de manter o aparato escolar, mas sentiam a necessidade de conservar essa situação para fins eleitoreiros, dependendo, dessa forma, das dádivas do governo estadual.

A situação da educação potiguar mostrava-se drástica e era urgente a necessidade de tomadas de posição administrativas e a criação de documentos eficientes que orientassem os rumos educacionais no estado:

As mudanças que se prenunciavam pela Lei n° 249, de 22 de novembro de 1907, serão concretizadas pelo Decreto N° 178, de 29 de abril de 1908 – a

chamada Reforma Pinto de Abreu<sup>1</sup>, que imprimiu novos rumos à instrução estadual. Na sua execução, suprimiram-se todas as cadeiras primárias mantidas pelo Estado, sendo postos em disponibilidade os serventúrios inadaptáveis aos novos métodos, e, em seu lugar, foram criados, com novos professores escolhidos para sua manutenção, os chamados Grupos Escolares. (ARAÚJO, 1979, p. 118).

Em março de 1908 foi criado na cidade de Natal o Grupo Escolar Augusto Severo, primeira instituição educativa seguindo os novos métodos e padrões pedagógicos da escola republicana, também servindo como Escola-Modelo para os outros grupos criados no Rio Grande do Norte. Essas instituições educativas faziam parte do projeto de modernização do estado, juntamente com outros melhoramentos como “a abertura de estradas, a construção de linhas férreas, o aformoseamento de praças e ruas, a iluminação elétrica e as práticas de higienização e civilidade da população”. (SILVA, 2011, p. 56).

Moreira (2005, p. 110), considera que a criação dos Grupos Escolares no estado estava relacionada “às demandas políticas e às diferentes práticas econômicas” das regiões de implantação, e correlacionadas “às localidades inscritas nas áreas da produção do açúcar e do algodão”, núcleos mais representativos e mais fortes politicamente.

Nas últimas décadas do século XIX, identifica-se na cidade do Assú, localizada no interior do Rio Grande do Norte, um importante sinal de florescimento da cultura local com destaque para a produção literária, a circulação de jornais, apresentações teatrais em palcos locais e uma constante produção poética. O conjunto dessas atividades, tanto no campo socioeconômico quanto cultural, deram visibilidade à cidade que chegou a ser considerada a **Atenas Norte-rio-grandense**<sup>2</sup>.

A cidade também passava por um momento de euforia no desenvolvimento socioeconômico com a produção do algodão e a cera de carnaúba, despontando como produtos de exportação. Diante dessa empolgação socioeconômica e cultural, fazia-se necessário a criação de um espaço escolar de qualidade garantindo a elevação cultural e a formação educacional da juventude assuense. (BEZERRA, 2010, p. 84). Até o momento, a cidade contava apenas com as escolas de primeiras letras<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Pinto de Abreu foi o autor intelectual dessa reforma e deu uma nova orientação ao ensino potiguar. Por ser um grande entusiasta e ter introduzido os princípios do método intuitivo na educação primária do estado ficou conhecido como o **Pestalozzi potiguar**.

<sup>2</sup> O título recebido pela cidade do Assú é tratado com mais detalhes no livro **Assú – Atenas Norte-rio-grandense**, de autoria de João Carlos de Vasconcelos (1966). Em nossa dissertação de Mestrado, intitulada **História da Educação Primária na Atenas Norte-Rio-Grandense: Das Escolas de Primeiras Letras ao Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia (1829-1929)**, também apresentamos mais informações sobre a interação do movimento cultural da cidade com a educação primária.

<sup>3</sup> As escolas de primeiras letras foram criadas pela lei de 15 de outubro de 1827. Esse documento orientou a aplicação de métodos, programas de ensino, práticas pedagógicas, estipulando salários dos professores e outros

A ideia de implantação de um Grupo Escolar no Assú se deu a partir de 1910 sob a iniciativa do juiz de Direito José Correia de Araújo Furtado. Diante dos sinais de progresso pelos quais a cidade passava, José Correia percebeu o quanto era necessário um local apropriado que pudesse oferecer instrução primária de qualidade para a população e realizou campanhas comunitárias para levar adiante o empreendimento.

O Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia foi criado pelo Decreto n° 254, publicado pelo Governador Alberto Maranhão no dia 11 de agosto de 1911. (RIO GRANDE DO NORTE, 1911). A instituição, que contava com duas escolas elementares, masculina e feminina, e uma mista infantil, foi inaugurada no dia 07 de setembro de 1911, data da Independência do Brasil.

Os grupos escolares representam um novo momento das ideias pedagógicas no contexto da história da educação brasileira, apresentando-se como uma instituição escolar com traços marcantes e dispo de grande aparato de inovações pedagógicas. Pinheiro (2002, p. 140) esclarece que esses espaços de funcionamento do ensino primário apresentavam como principais características físicas:

[...] prédios escolares, projetados com base na racionalização do espaço interno, com várias salas de aula, sala de direção, sala dos professores, secretaria, laboratórios didáticos, museu, biblioteca, áreas de recreação de cuja configuração constavam pátios internos, jardins, largos, refeitório e/ou cantina, quadra para jogos e, posteriormente, campo de futebol.

O programa de ensino empregado nos Grupos Escolares seguia o modelo da escola graduada, por meio do qual se esperava alterar padrões antes existentes e atingir a homogeneidade no ensino brasileiro. A graduação do ensino levava a uma eficiente divisão do trabalho e da uniformidade escolar ao formar classes com alunos do mesmo nível de aprendizagem, possibilitando um melhor rendimento.

De acordo com Saviani (2013, p. 172), essa nova organização do ensino “implicava uma progressividade da aprendizagem, isto é, os alunos passavam, gradativamente, da primeira à segunda série e desta à terceira até concluir a última série [...] com o que concluíam o ensino primário”. O Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia iniciou suas atividades com a matrícula de 90 alunos: 30 na classe infantil, 30 na classe elementar feminina e 30 na classe elementar masculina.

---

fatores que se desenvolveram no século XIX, em uma tentativa de expandir a formação e a instrução primária no Império brasileiro. Na então Vila Nova da Princesa, posteriormente elevada em 1845 à categoria de cidade do Assú, as escolas de primeiras letras foram instituídas em 1829.

Os Grupos Escolares expressavam uma finalidade iminente de construir uma nova identidade nacional e formar o perfil de homem e mulher num espaço urbano moderno que exigia hábitos de civilidade e urbanidade. Para alcançar esse intuito, o governo republicano, por meio de um projeto de fortalecimento da pátria e o ideário de ordem e progresso, colocou em circulação uma nova forma de conviver em sociedade associada ao processo de escolarização de um povo civilizado e letrado.

No contexto da Primeira República, a necessidade do despertar para a civilidade do povo brasileiro e do fazer, pensar e sentir escolarizado, se manifestaria por meio de uma educação estética para alcançar a população e facilitar a assimilação das propostas do projeto de reinvenção da nação. A ideia de uma educação estética pode ser notada no envolvimento das habilidades manuais, na educação das mulheres para o lar, no cuidado com os hábitos de higiene e com o corpo, no contato com a literatura brasileira, na declamação de poesias e versos, nos cantos, nas danças e apresentações teatrais, nas festas escolares e cívicas e na própria arquitetura dos Grupos Escolares. Enfim, esses e outros elementos formavam um conjunto essencial para que os intentos e objetivos fossem alcançados. Para Veiga (2003, p. 406-407, grifo da autora):

[...] a educação estética pressupõe sujeitos plásticos, flexíveis que, por meio da educação dos sentidos e do aprimoramento da capacidade de ver, ouvir, falar, olhar, tocar, aprendam a **valorizar** e usufruir do chamado acervo cultural da humanidade, o patrimônio das obras de arte e literatura, consagrado por instâncias socioculturais complexas.

Além das práticas voltadas estritamente para o campo pedagógico e metodológico, as dramatizações teatrais, momentos literários e produção de jornais eram atividades recorrentes no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia que ampliavam as dimensões de ensino-aprendizagem por parte dos alunos e envolviam temas cívicos, patrióticos, regionalistas, educativos, ético-morais, religiosos, entre outros. Assim, consideramos essas outras formas de despertar as dimensões de ensino-aprendizagem por parte dos alunos como parte da concepção de educação estética apresentada por Veiga.

A conjuntura cultural e literária que elevou a cidade do Assú à categoria de Atenas Norte-Rio-Grandense aponta para dimensões de intercâmbio de experiências e identidades com o contexto social em que a instituição Grupo Escolar está inserida, desperta e amplia os próprios sentidos dos alunos e coloca em circulação produções e modelos culturais. De acordo com Alves (2012, p. 105) as práticas voltadas para as dimensões de intercâmbio possibilitam a percepção de uma “formação política embutida nos rituais, nas organizações estudantis, na



imprensa escolar, mas, sobretudo, na relação que a escola mantém com a cidade e a visibilidade que adquirem seus estudantes na cena urbana”.

### **Atuação literária e cultural do corpo docente e discente do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia**

No Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, o desenvolvimento cultural e literário era incentivado por diretores como João Celso Filho, Alfredo Simonetti e a professora Maria Carolina Wanderley Caldas, mais conhecida como Sinhazinha Wanderley. João Celso Filho e Sinhazinha, em especial, eram descendentes de famílias oligárquicas locais e faziam parte de uma geração de intelectuais que participaram ativamente do contexto cultural e literário da cidade do Assú. Nesse sentido, entendemos que a atuação desses professores é essencial para as interações estabelecidas entre a instituição educativa e a comunidade local. Essa realidade se torna importante porque, segundo Faria Filho (2014, p. 17) “a cidade, descoberta nos itinerários da escola, impõe-se, mais tarde, como objeto de pesquisa, quando o percurso se transforma e a tarefa significa reconstruir a trajetória da escola nas trilhas da cidade”.

De acordo com Pinheiro (1997, p. 134), como profissionais do universo das letras, esses educadores viveram e atuaram num momento histórico “em que o Estado brasileiro gestava um projeto de modernidade que assentava suas bases na exigência da escrita e da leitura e, conseqüentemente, na necessidade de ampliação de um público leitor”.

As ideias de combate ao analfabetismo presentes no projeto reformador e de construção de um país moderno, ampliando as possibilidades de transformar o povo brasileiro em um público leitor se coadunam com algumas reflexões de Frago. Para esse autor (1993, p. 28), o processo de alfabetização “pressupõe uma pedagogia da escuta, da voz e do ouvido. Da comunicação com seus diversos códigos e formas, da linguagem e da fala. Uma pedagogia rítmica e corporal, imaginativa e poética, isto é, oral e retórica”.

Levantamos esses pontos destacados por Frago (1993) porque o ato de alfabetizar não pressupõe apenas a leitura e a escrita, mas é necessário uma série de outros elementos que colaboram na consolidação e eficiência do processo de escolarização. Chamamos a atenção para esse fato por observarmos que os diversos elementos literários e culturais que circularam na cidade do Assú compõem e colaboram na construção do processo de alfabetização e encontramos esses elementos na atuação dos professores do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia.

João Celso Filho projetou-se como jornalista inclusive fora do Rio Grande do Norte. O diretor e professor do Grupo Escolar do Assú dirigiu a Revista Paládio publicada na cidade em 1915. Amorim (1965, p. 26) indica que a revista tinha “feição tipográfica atraente, com uma colaboração esmerada e escolhida”. O professor atuou ainda nos jornais locais O Quiproquó, O Bric-à-Brac, A Cidade e O Jornal do Sertão.

João Celso Filho mostrou-se um orador de grandes méritos e um poeta brilhante, inclusive, lançando o livro Terra Bendita em 1911. Com participação em diversos setores da atividade cultural e comercial assuense ele foi o único poeta da cidade “que teve suas produções traduzidas para o castelhano<sup>4</sup>”. (FONSECA FILHO, 1984, p. 186). Em seus textos, João Celso Filho expressa reflexões filosóficas, existenciais, temas relacionados a terra onde nasceu, além de também apresentar uma vertente romântica.

O professor Alfredo Simonetti era sócio do Centro Artístico Operário Assuense, da Associação de Professores do Rio Grande do Norte e da Cooperativa dos Funcionários Públicos. Na cidade do Assú incentivou a participação dos jovens no escotismo, promoveu várias festas escolares e escreveu algumas peças literárias para serem encenadas por seus alunos.

Um dos grandes méritos do professor durante sua passagem pelo Grupo Escolar do Assú foi ter incentivado os alunos do Curso Complementar do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia a criarem o Grêmio Complementarista, associação estudantil que atuou por muitos anos no contexto literário e cultural da cidade, como veremos mais adiante. Sendo considerado por Wanderley (1965, p. 111) “antes de tudo um professor, com breves incursões pela poesia”, dado que por toda a sua vida preocupou-se com atividades de ensino, da literatura e da cultura, Alfredo Simonetti escreveu versos líricos revelando sentimentos íntimos e alma romântica e sonhadora.

Assíduo colaborador e mantendo um bom relacionamento com a imprensa local, entre 1923 e 1925 o professor Simonetti atuou como colunista do jornal A Cidade, escrevendo sistematicamente artigos e poesias. Estava sempre atencioso no envio de notícias sobre eventos e para agradecer as divulgações ou homenagens que recebia, como a da passagem de seu aniversário publicada em outubro de 1925 pela direção do jornal A Cidade:

Não podemos olvidar a data feliz do seu natal, pois que o Professor Simonetti tem-se revelado um decidido e esforçado amigo desta terra. [...] Geralmente acatado e estimado dos seus discípulos, o Professor Simonetti, tem sido incansável nessa benemérita cruzada em prol do ensino, ora fundando

---

<sup>4</sup> A poesia Terra Bendita, que dá título ao livro de João Celso Filho, ganhou o 1º lugar num concurso realizado no Pará e foi traduzida para o espanhol por Rafael Guttieri. (CELSO FILHO, 1986, p. 18).

sociedade e criando um jornal para pugnar pelo interesse e desenvolvimento da instrução, ora promovendo representações teatrais da mais salutar e benéfica moralização, entre os seus educandos. (SIMONETTI, 1995, p. 30).

Montenegro (1978, p. 71) destaca que a professora Sinhazinha Wanderley, “com a pujança de sua inspiração e amor telúrico ao seu Açú querido”, tornou-se uma musicóloga, escritora e poetisa de grandes méritos “que conseguiu perpetuar-se nas músicas que compôs, nos versos que fez. Centenas de meninos e de fieis cantam nas escolas e nas igrejas, a sua alma poética e mística, através de hinos religiosos e patrióticos, os mais expressivos”. Inclusive, é de autoria da professora o Hino da Cidade do Assú.

Sinhazinha colaborou em jornais no Assú escrevendo textos com temas diversos e poesias, como na Revista Paládio (1915) em que publicou versos, ou na Revista Atualidades de 1950 escrevendo textos variados<sup>5</sup>. Seus manuscritos abordam temas sentimentalistas, filosóficos, sociológicos e existenciais, decantando as belezas naturais da terra e os tipos humanos e acontecimentos do Assú.

Segundo Fonseca Filho (1984, p. 57), a professora era uma amante dos versos, que ora se mostravam tristes, “ora jocosos. Escrevia versos para si e para os outros. Não havia um batizado, festa de aniversário, bodas de casamento ou outro acontecimento social em que não estivessem presentes as quadrinhas de Sinhazinha Wanderley”.

O uso da poesia e da literatura durante as aulas era uma prática constante da professora no Grupo Escolar Tenente Coronel Jose Correia e estava em consonância com o Departamento de Educação que orientava o uso e a declamação de poesias e prosas durante as aulas de língua materna. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925). De acordo com Clarice de Sá Leitão, a professora dava poesias e versos aos alunos, “muitos dos quais ela própria fazia para aprendermos. Na hora da declamação ela chamava cada aluno que tinha que vir a mesa da professora ao lado, e declamar em frente aos colegas”. (PINHEIRO, 1997, p. 151).

Esse recurso do uso das poesias em sala e a importância do ato de declamar, relacionando ao mesmo tempo a escrita e a oralidade, nos remete a Frago (1993). Para esse teórico, “justamente porque a linguagem é um fenômeno oral, porque o homem é um ser que fala – que pensa com a fala e que fala quando e como pensa -, [...] a alfabetização e a oralidade não devem ser dissociadas”, pois, opor esses dois elementos fundamentais que participam tanto do processo de escolarização quanto social, supõe “um empobrecimento de ambas”. (FRAGO, 1993, p. 21).

---

<sup>5</sup> Apesar de não ter publicado nenhum livro, a produção intelectual e literária da professora Sinhazinha Wanderley pode ser encontrada em diversas obras de memorialistas, escritores assuenses e na coluna Paisagens da Minha Terra que a professora escrevia semanalmente no Jornal Atualidades, periódico que circulou na cidade do Assú durante o ano de 1950.



Souza (1998, p. 202) afirma que no universo dos Grupos Escolares prezava-se por poesias voltadas para as propostas de civilidade do ideário republicano e o professor “deveria ter escrupuloso cuidado na escolha dos trechos de poesias, a fim de que não se caísse em certos preceitos pouco próprios à elevação de bons sentimentos”. Aqui, é possível estabelecer relações com as funções escolares e sociais apontadas por Frago (1993, p. 27), pois no processo de alfabetização os textos, ou questões, não devem ser objetos “de ensino de um modo isolado, separado ou sem relação com a vida e cultura” do alfabetizando. O ato de “alfabetizar não é só ler, escrever e falar sem uma prática cultural e comunicativa, uma política cultural determinada”.

Assim, entendemos que elementos como a poesia não exercem funções neutras no contexto da educação presente nos Grupos Escolares. São atividades produzidas mutuamente entre as normas da escola e as necessidades da sociedade. Dessa interação também surge uma forma diferente de aprendizagem no cotidiano escolar.

Retomando a concepção de educação estética, é importante salientar que a educação e o despertar do gosto para o belo exige uma atmosfera iluminada e o próprio exemplo do envolvimento dos professores com esse universo. Veiga (2003, p. 411), salienta que “somente num espaço que combine razão e sensibilidade é possível a consolidação das práticas pedagógicas destinadas à educação do gosto e formação do novo cidadão”. Dessa forma, os mestres deveriam apresentar gosto artístico e literário, sentimento, expressão e o envolvimento com o canto. E os professores do Grupo Escolar do Assú, por circularem por esses elementos na cidade, apresentavam condições indispensáveis para influenciar hábitos dessa natureza em seus alunos.

Alguns dos alunos de Sinhazinha Wanderley no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia tornaram-se poetas pela convivência com a professora, como é o caso de Rômulo Chaves Wanderley, que nasceu no Assú em 1910. Amorim (1965, p. 82) relata que Rômulo foi aluno do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia “onde fez, com notas distintas, todo o curso primário e o complementar, já publicava sonetos e poemas n’A Cidade e no Jornal do Sertão, para o qual escreveu as primeiras crônicas, revelando sempre acentuado amor as letras”. Mudando-se para Natal, Rômulo atuou nos jornais A República, Diário de Natal, A Notícia e Tribuna do Norte. Como jornalista nato foi um dos fundadores da Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa e publicou alguns trabalhos<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Rômulo Chaves Wanderley publicou os seguintes livros: Uma tempestade num copo d’água (1951), Arca de Noé (1952), Panorama da poesia norte-rio-grandense (1965), Canção da Terra dos Carnaubais (1965) e A geografia potiguar na sensibilidade dos poetas (1984).

Sua obra mais famosa é o poema **Canção da Terra dos Carnaubais**, registrado em livro com o mesmo nome no ano de 1965. Rômulo dedicou-o à professora Sinhazinha Wanderley, que, segundo ele, “muito procurou ensinar-me, tendo, como recompensa, modestamente, a minha gratidão e o que consegui aprender”. (WANDERLEY, 1965, p. 4). O texto contém oito estrofes onde o poeta apresenta aspectos históricos do Assú, destacando o desenvolvimento econômico, cultural e literário e exalta algumas figuras da cidade.

João de Oliveira Fonseca iniciou os estudos no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia a partir de 1924, onde teve contato com o mundo das letras. Sua primeira mestra foi a professora Sinhazinha Wanderley. Em coletânea sobre poetas do Assú, Lopes (2011) informa que João de Oliveira Fonseca “deve sua tendência para poesia (além de ter nascido na Terra dos Poetas), à sua primeira professora, poetisa Sinhazinha Wanderley”. Em seus escritos, João de Oliveira dá preferência para a quadra e a trova.

Renato Caldas, poeta assuense que mais se destacou no campo literário na cidade do Assú, também fez a educação primária no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. O poeta participou das primeiras turmas de alunos da instituição. Foi tipógrafo e colaborou em jornais no Assú. Saindo da cidade, continuou trabalhando com imprensa nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Atuando com literatura e arte, excursionou por cidades do interior de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia recitando seus poemas e tocando violão. Retornando ao Assú, se empregou como avaliador e partidor da Comarca local.

Dos livros escritos e publicados pelo poeta, **Fulô do Mato** é o mais famoso<sup>7</sup>. De acordo com Fonseca Filho (1984, p. 21, grifo do autor), mesmo sendo o Assú uma cidade que contou com a atuação de grandes poetas “ninguém até hoje sobrepujou a poesia de Renato Caldas. Seus versos são espontâneos e de uma graça excepcional. Lendo-se **Fulô do Mato**, não se tem vontade de parar. Tudo nesse livro é bom” e é uma obra onde o poeta assuense expressa em diversos momentos “os dramas angustiosos dos anos secos, das calamidades climáticas que assolam a terra de seu berço”.

---

<sup>7</sup> A 1ª edição desse livro saiu em 1940, pelo Diário da Manhã, de Recife; a 2ª edição circulou em 1953 pela Tribuna da Imprensa, no Rio de Janeiro; a 3ª edição, em 1954, pela empresa Hoje, de São Paulo; a 4ª edição em 1970 pela Editora da UFRN, Natal; e a 5ª edição pela Fundação José Augusto, também em Natal. (CALDAS, 1980).

## Teatro e festas escolares: encenando “para a sociedade o espetáculo da cultura, das letras, da ordem, das lições morais e cívicas”

Amorim (1972), registrando aspectos históricos do teatro no Assú, destaca que o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia “no louvável propósito de estimular os seus frequentadores nos domínios da literatura e da arte, desde seu início, sempre promoveu festividades cívicas, cuja programação não era indiferente à arte de representar”, demonstrando que a atividade teatral contribuía “para o aprimoramento intelectual, moral e cívico, espiritual e educacional dos moços do Assú, de vez que o treinamento da ribalta equivale, não apenas a um recreamento do espírito, mas, sobretudo, ao desenvolvimento educativo”. (AMORIM, 1972, p. 20).

As apresentações teatrais eram recorrentes nos festivais realizados nas datas comemorativas e patrióticas seguindo as orientações do Departamento de Educação, que instituía as festas escolares nos dias 3 de maio, festa da natureza; 7 de setembro, festa da Pátria; e 19 de novembro, festa da Bandeira, entre outras. (RIO GRANDE DO NORTE, 1925).

Souza (1998, p. 254) esclarece que por meio das apresentações realizadas nessas datas comemorativas e em outros momentos “a escola tornava-se palco e cenário, algumas vezes caprichosamente ornamentado, onde alunos-atores encenavam para a sociedade o espetáculo da cultura, das letras, da ordem, das lições morais e cívicas”.

Veiga (2003, p. 413) recorda que educar os sentidos e torná-los ativos por meio de atividades como o desenho, a música, o teatro, a dança, entre outras, é:

[...] o objetivo fundamental da educação estética na formação integral da criança. É necessário, para isso, o exercício efetivo das práticas artísticas na escola, seja na decoração da sala de aula, na execução de programas didáticos, na realização de exposições, nas apresentações em festas, na comemoração das datas nacionais.

A data cívica mais comemorada pelos alunos era o dia 7 de setembro, data de celebração da Independência do Brasil e do aniversário da inauguração do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Amorim (1972), registra que em 7 de setembro de 1923, os alunos realizaram um festival lítero-dramático encenando a peça **As três datas**, do poeta Segundo Wanderley. Na noite de 7 de setembro de 1926, o Grêmio Complementarista organizou uma hora artística no teatro Alhambra contando com representações cênicas executadas em três partes. Na primeira parte foi exibida a comédia **A dona de casa**. A segunda parte constou de números de variedades, destacando-se a apresentação **Alho e**

**Pimenta**, e na terceira parte foi encenada a comédia **Quem manda sou eu**, escrita pelo professor assuense Alfredo Simonetti.

Ainda no teatro Alhambra, no dia 7 de setembro de 1927, o Grêmio Complementarista realizou um festival lítero-dramático com um programa constando de variedades e as encenações do drama em um ato **O anjo dos pobres** e a comédia **A escola Pândega**. No dia 7 de setembro de 1929, foram exibidas na ribalta do próprio Grupo Escolar as peças **Merenda das garotas**, **As vogais e Variedades** e **A dona da casa** interpretada por alunas do Curso Complementar. (AMORIM, 1972).

No final do ano, durante o encerramento das aulas, eram recorrentes algumas apresentações artísticas. No dia 8 de dezembro de 1924 foi exibida no próprio Grupo Escolar a cena dramática **Fé, Esperança e Caridade**. Em 19 de novembro de 1927, dia de encerramento das aulas e dedicado à Bandeira, efetuou-se na própria instituição escolar números de variedades e a encenação de uma representação dramática. No encerramento das aulas do ano de 1928, ocorrido no dia 19 de novembro, foi promovido mais um festival dramático. (AMORIM, 1972).

De acordo com Souza (1998, p. 274), nos diversos momentos de celebração nas instituições escolares, enquanto “as datas cívicas objetivavam reforçar os símbolos de unidade e solidariedade social e legitimar o regime político”, outras festividades diversas, como as religiosas e profanas, “mostram a inserção na escola de costumes enraizados na prática social”.

Azevedo e Stamatto (2012, p. 14) assinalam que os Grupos Escolares se constituíam em “centros de reunião social, pois centralizavam em sua sede eventos comemorativos entre as escolas da região e, assim, tanto reuniam o seu público interno quanto recebiam a população externa a ele, que, diante da expressão das comemorações, se encaminhavam a tais cerimônias”. As festas escolares, cívicas ou não, também foram pensadas dentro da relação estabelecida entre a cultura nacional e a educação estética, “como um momento de manifestação máxima de emoções”. (VEIGA, 2003, p. 414).

Algumas festividades ocorriam em função do aniversário do corpo docente e diretores do Grupo Escolar, como a comemoração do natalício do professor Alfredo Simonetti, em 1925:

Homenageando a transcorrência da data natalícia do seu esforçado Diretor, o provector Professor Alfredo Simonetti, a 24 de outubro de 1925, os corpos docente e discente do Grupo Escolar Ten. Cel. José Correia promoveram um festival que obedeceu ao seguinte programa: **Jeca Tatu na cidade**, comédia pelos alunos do Curso Complementarista José Martins, Demóstenes Amorim,

Ezequias Fonseca. **O Lobisomem** pelos alunos da elementar masculina, João Martins, José Vieira, Francisco Oliveira, José Quirino, Jônatas de Albuquerque, Sebastião Vieira e Plácido de Amorim e Silva. Um ato de variedades pelos alunos de todos os cursos, para terminar com a comédia **Visita a casa de tia Chica** pelos alunos do Curso Complementarista, Ezequias Fonseca, Demóstenes Amorim e José Martins. (AMORIM, 1972, p. 22, grifos do autor).

Como grande entusiasta do teatro a serviço da pedagogia no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, a professora Sinhazinha Wanderley escreveu peças didáticas, incentivando a criação de elencos formados por seus alunos. Entre essas encenações, destaca-se o texto **A professora de aldeia**. Segundo Pinheiro (1997, p. 154), este drama escolar disposto em três atos foi ensaiado e apresentado pelos alunos do Grupo Escolar e:

[...] mostra a dinâmica de uma escola da zona rural, daquela época, onde uma professora recém-formada, descendente de uma família abastada, que passou a ser arrimo de família, expressa seus receios e ansiedades, ante a profissão do magistério, no momento em que assume, como professora, uma classe.

O talento da professora Sinhazinha Wanderley para os textos teatrais é exaltado por Amorim (1972). Segundo o memorialista, no dia 1º de dezembro de 1912, quando estava encerrando as atividades escolares:

[...] os alunos levaram à cena, em palco adrede preparado, duas composições da talentosa professora Sinhazinha Wanderley, denominada **A Taba Assú** e **A Reforma da Instrução**, que conquistaram francos aplausos, não só pelo bom desempenho dado, como pela inteligente elaboração das peças. (AMORIM, 1972, p. 23-24, grifos do autor)

Os textos escritos pela professora expressam situações cotidianas e históricas mostrando que a arte é uma ferramenta importante para refletir sobre temas mais amplos até mesmo nos espaços de escolarização. Essa percepção fica evidente na peça **Taba Assú**, que, segundo Pinheiro (1997, p. 158), abordava questões da história da cidade do Assú e “retratava de forma heroica a atitude do índio frente aos perigos da dominação dos colonizadores”. Nesse sentido, Veiga (2003, p. 415) afirma que “o belo e o sublime perfilam como novas emoções estéticas apresentadas à população e para o seu desenvolvimento a escola é chamada”.

### **A produção de periódicos no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correio: O Alfabeto e O Paladio**

O jornalismo era outra atividade literária recorrente no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Amorim (1965, p. 48), destaca que o incentivo para esse tipo de



atividade tinha a finalidade de trazer às novas gerações “traços da vida e das atividades jornalísticas dos homens que no passado e, também no presente, muito fizeram e fazem para dar nome e renome ao Assú, através de exemplos edificantes de desprendimentos pessoais e nobreza de atitudes”.

Frago (1993, p. 96), salienta que atividades como a imprensa, que leva em conta uma pluralidade de códigos, sistemas ou tecnologias de armazenamento, transmissão e recepção de informação com diferentes funções, usos e valorização social, são importantes no processo de construção de “uma tipologia das alfabetizações nas sociedades de escolarização e alfabetização generalizadas”. FRAGO (1993, p. 96). Esses aspectos são observados na cidade do Assú, particularmente reforçados nas atividades do Grupo Escolar.

Complementando as perspectivas de Amorim e Frago, entendemos que a imprensa e sua relação com a educação constitui-se num *corpus* documental permeado de inúmeras dimensões, consolidando-se como testemunho de métodos e concepções pedagógicas de um determinado período histórico e dos sujeitos que a produz. Para Araújo, Carvalho e Gonçalves Neto (2002, p. 72), a imprensa ligada à educação pode ser fruto:

[...] da própria ideologia moral, política e social, possibilitando aos historiadores da educação análises mais ricas a respeito dos discursos educacionais, revelando-nos ainda, em que medida eles eram recebidos e debatidos na esfera pública, ou seja, qual era a sua ressonância no contexto social.

O primeiro órgão de incentivo às artes e à literatura a funcionar no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia foi a Associação Literária Palmério Filho, que organizava o jornal O Alfabeto. A criação da associação e do jornal no Grupo Escolar receberam o incentivo e o estímulo do professor e diretor João Celso Filho. O periódico tinha publicação mensal e foram lançados apenas dez números pelo custo de 1\$000, por trimestre. O primeiro saiu no dia 19 de novembro de 1917 e o último no dia 21 de abril de 1919. A administração do jornal contava com a responsabilidade das alunas Maria Antônia de Moraes, Cecília Cândida da Silva, Maria Augusta de Sá Leitão, América de Queiroz e Maria Deborah da Fonseca. (AMORIM, 1965, p. 27).

Os alunos do Curso Complementar do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia fundaram no dia 8 de fevereiro de 1925 o Grêmio Complementarista. Esse órgão apresentou importante participação dos alunos da instituição escolar na vida cultural assuense apresentando dramatizações, realizando atividades no campo do jornalismo e produzindo festivais na cidade do Assú.

A posse da diretoria da agremiação ocorreu em 24 de fevereiro de 1925. Foi formada por Clara de Amorim e Silva, presidente; Dalila Fagundes Caldas, vice-presidente; Rosália Fonseca, secretária geral; Ofélia Wanderley, substituta da secretária; Marta Wanderley, oradora; Livia Cysneiro, substituta da Oradora e Demóstenes Amorim, tesoureiro. (AMORIM, 1965).

Para difundir ainda mais as atividades desenvolvidas pela agremiação, os alunos resolveram produzir um jornal de circulação local e organizaram festivais no sentido de angariar recursos para levar adiante esse objetivo. (AMORIM, 1972, p. 21).

O primeiro número do Jornal O Paládio, órgão oficial de publicidade das atividades do Grêmio Complementarista do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, foi lançado na cidade do Assú no dia 07 de setembro de 1925. O periódico de circulação mensal era dedicado ao ensino, literário, “veiculava as notícias da época, [...] oferecia artigos de conhecimentos gerais, lições de geografia, contos e etc.”. (SIMONETTI, 1995, p. 38).

Em seu artigo de apresentação dizia ter nascido fadado para um futuro promissor e belo e trazia o retrato do emérito assuense Doutor Nestor dos Santos Lima. Era impresso no Atelier Otavio, em Mossoró, município vizinho, quase sempre em tinta de cor e media 35x25. Em 16 de março de 1927 o periódico entrou em sua segunda fase, com o mesmo tamanho e o mesmo preço das assinaturas e permaneceu com a circulação mensal. Mas na nova fase a impressão era feita nas oficinas do jornal A Cidade, em Assú, e quase sempre em tinta azul. As principais dirigentes do Jornal O Paládio foram Maria Maristela Amorim Souto, Marta Wanderley e Maria Deborah da Fonseca. (AMORIM, 1965, p. 31).

As principais informações destacadas pelo periódico estavam voltadas para a relação direta com o ensino, o universo literário, propagando notícias que circulavam na época, oferecendo para seus leitores artigos de conhecimentos gerais, além de concentrar lições educacionais como geografia e versos. Essas informações fornecem um panorama do corpo do jornal, mas podemos supor que existia uma preocupação em ampliar conhecimentos e conteúdos fazendo do próprio periódico um veículo pedagógico. Outro ponto significativo é a preocupação na circulação das notícias da época e conhecimentos gerais, demonstrando uma sintonia com os fatos e a realidade contemporânea.

Entendemos que a produção desse tipo de jornal permite-nos compreender a forma de circulação de ideias sobre conteúdos transmitidos e ensinados na escola e, ao mesmo tempo, evidenciam as concepções educativas que permeavam a proposta de formação dos estudantes. Segundo Passos e Pavan (2012, p. 238), esses impressos podem ser vistos como documentos preciosos e “fontes indicadoras do projeto de formação social desencadeado pela escola, ainda

mais ao mostrarem que os conhecimentos escolares não eram socialmente neutros. Tinham uma função social e política e contribuíam para manter as hierarquias sociais”.

Além de transmitirem os saberes escolares, os impressos escolares como o Jornal O Paládio, ensinam aos alunos esquemas ligados à organização da própria sociedade. Assim, concordamos com Faria Filho (2014, p. 87), quando o autor salienta que “apesar do domínio ser o escolar, este já não pode se auto-organizar ou definir suas próprias regras e formalidades: é preciso o concurso de outros conhecimentos e tecnologias de tratamento do humano”.

Nesse sentido, percebemos que o jornalismo, associado ao campo da história da educação, transforma-se em objeto de referência para apreendermos e assimilarmos o processo histórico-educacional de determinada época. Essa interação faz emergir novas interpretações edificando outras concepções de educação e possibilitam-nos visualizar horizontes diversificados e múltiplas aproximações envolvendo questões relacionadas ao campo educacional. Para Araújo, Carvalho e Gonçalves Neto (2002, p. 74) a imprensa pedagógica, vista como instrumento privilegiado na construção do conhecimento, constitui-se em “guia prático do cotidiano educacional escolar, permitindo ao pesquisador estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social, a partir da análise do discurso veiculado e a ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar”.

O Grêmio Complementarista tornou-se um órgão de reconhecida utilidade pública e prestou relevantes serviços aos estudantes e a sociedade assuense. A agremiação fundou gratuitamente, para crianças e adultos de ambos os sexos, uma aula noturna no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia regida pelos próprios alunos do Curso Complementarista. Alguns anos depois, essa aula foi oficializada pelo Departamento de Educação passando a ser ministrada por professores diplomados. (SIMONETTI, 1995, p. 38).

Antes da inauguração do Educandário Nossa Senhora das Vitórias, ocorrida no dia 09 de março de 1927, diversos setores da sociedade assuense mobilizaram campanhas para a arrecadação de recursos e empreender a construção do prédio que abrigaria as Filhas do Amor Divino e as futuras alunas da instituição. No dia 24 de junho de 1925, o Grêmio Complementarista do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia realizou um festival infantil no Teatro Alhambra em benefício das obras para a construção do Educandário. De acordo com Amorim (1972, p. 22), o festival contou com comédias e variedades e teve “a melhor acolhida pelo crescido número de famílias que ao festival compareceu”.

Um fator importante desses eventos organizados pelo Grêmio Complementarista é que além de se mostrarem beneficentes, tornam-se opções de lazer e “o elemento cultural de uma

sociedade, pois essa se agrega, se socializa e interage por meio dessas manifestações”. (GATTI; GATTI JÚNIOR; INÁCIO FILHO, p, 219). A atuação do grêmio também evidencia uma ampla possibilidade de ações no contexto do Assú e uma participação ativa da população escolar no desenvolvimento cultural da cidade.

Ainda que atuações como as do Grêmio Complementarista tenham ocorrido de forma localizada, concordamos com Gonçalves Neto (2002, p. 222) quando o autor afirma que esse tipo de iniciativa “significava a tentativa de incorporação de valores cultivados nos distantes grandes centros, que serviam de espelho para os emergentes do interior”.

## CONSIDERAÇÕES

Como vimos anteriormente, a introdução e a apropriação de novas atividades nos Grupos Escolares, como o teatro e a difusão da literatura envolvendo a poesia e o jornalismo, visaram ao aperfeiçoamento dos sentidos e atentavam para a formação do cidadão republicano. Para Veiga (2003, p. 419), as gerações formadas nas vivências dessas práticas, recitando poesias, apresentando peças teatrais, cantando o hino nacional em festas públicas, participando de atividades cívicas, entre outras, “guardaram na memória o que diziam ser o melhor da escola, as trocas de emoções, as formas de sociabilidade e a ansiedade que antecedia o início do espetáculo”.

Frago apresenta uma série de elementos de valorização da alfabetização que mantêm relação com alguns dos pontos levantados em nosso trabalho, como a poesia, a imprensa e o teatro, e se aproximam da ideia de educação estética apontada por Veiga (2003). Segundo ele, os modos de expressão e pensamento da escrita, da leitura e da oralidade devem ser recuperados culturalmente pois são:

[...] aqueles que, através da voz e do som, incorporam – fundindo utilidade e estética – o ritmo, a rima, a música, a canção, o canto, a fórmula, a expressão poética e o corpo – movimento, dança, gestos. Aqueles que implicam, em uníssono, o corpo e a mente, que frente à perspectiva única e ao ponto de vista fixo, linear, analítico e distante, recorrem ao **olho móvel**, ao empático, à receptividade envolvente e à confrontação/identificação com ele ou com os ouvintes. Aqueles, enfim, que privilegiam os valores estéticos, emocionais, poéticos e imaginativos, a fantasia, o humor e a ironia, o absurdo, os jogos de palavras, o paradoxo, o contraditório e o ambíguo, a metáfora, o mito e a retórica como relato ou arte de contar histórias. Não a fragmentação e o isolamento, mas o global e o comunicativo. (FRAGO, 1993, p. 87-88, grifo do autor).

É importante retomar até mesmo os projetos nacionais e a ideia de formação da nação com sua perspectiva civilizada de recriação do povo. Segundo Gonçalves Neto (2002, p. 223), essa mesma ideia “é gestada nos grandes centros mas alcança o interior, onde os representantes da intelectualidade ilustrada se encarregam de divulgar para a população letrada os princípios básicos por que se pugna”.

Concluimos, evidenciando, mais uma vez, que os hábitos culturais e literários presentes nesses espaços de escolarização são portadores de práticas simbólicas e significados socioculturais. Expressam uma cultura que se manifesta no universo escolar e no imaginário sociopolítico, disseminando-se por toda a sociedade. Apesar de ser um espaço aparentemente encerrado em seus muros, grades e paredes, e outras fronteiras não materiais, nesse movimento de circulação de ideias e hábitos o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia abria-se para as manifestações presentes na cidade, na rua, na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudia. Estudos secundários no Brasil nos séculos XIX e XX. In: GATTI JÚNIOR, Décio; PESSANHA, Eurize Caldas (Org.). **Tempo de cidade, lugar de escola. História, ensino e cultura escolar em “escolas exemplares”**. Uberlândia: EDUFU, 2012.

AMORIM, Francisco. **História da imprensa do Assú**. Natal: Departamento Estadual da Imprensa, 1965.

\_\_\_\_\_. **História do teatro no Assú**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1972.

ARAÚJO, Maria Marta de. **Origens e tentativas de organização da rede escolar do Rio Grande do Norte da Colônia à Primeira República**. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1979.

ARAÚJO, José Carlos Souza; CARVALHO, Carlos Henrique de; GONÇALVES NETO, Wenceslau. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. – (Coleção memória da educação).

AZEVEDO, Crislane Barbosa; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Escola da Ordem e do Progresso: Grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte**. Brasília: Liber Livro, 2012.

BEZERRA, Ivan Pinheiro. **Assú: Dos Janduis ao sesquicentenário**. Mossoró: Queima-Bucha, 2010.

CALDAS, Renato. **Fulô do mato (e outras poesias)**. 5. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1980.



CELSO FILHO, João. **Terra bendita**. Natal: Clima Editora, 1986.

FARIA FILHO, Luciano mendes. **Dos pardieiros aos palácios**: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906-1918). Uberlândia: EDUFU, 2014.

FONSECA FILHO, Ezequiel. **Poetas e boêmios do Açu**. Natal, RN: Editora Clima, 1984.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história**: vozes, palavras e textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia/MG: EDUFU, 2002.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Imprensa, civilização e educação: Uberabinha (MG) no início do século XX. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia/MG: EDUFU, 2002.

LOPES, Gilvan (Org.). **Coleção assuense de literatura**. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

MONTENEGRO, Maria Eugênia Maceira. **Lembranças e tradições do Assú**. Fundação José Augusto, Natal/RN, 1978.

MOREIRA, Ana Zélia Maria. **Um espaço pioneiro de modernidade educacional**: Grupo Escolar “Augusto Severo” – Natal/RN (1908-13). Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

PASSOS, Laurizete Ferragut; PAVAN, Diva Otero. Saberes e práticas como integrantes da cultura escolar: o Grupo Escolar Conde do Parnayba. In: GATTI JÚNIOR, Décio; PESSANHA, Eurize Caldas (Org.). **Tempo de cidade, lugar de escola. História, ensino e cultura escolar em “escolas exemplares”**. Uberlândia: EDUFU, 2012.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

PINHEIRO, Rosanália de Sá Leitão. **Sinhazinha Wanderley**: o cotidiano de Assú em prosa e verso (1876-1954). Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 1997.

RIO GRANDE DO NORTE, 1911. **Decreto nº 254, de 11 de agosto de 1911**. Cria na cidade do Assú o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Palácio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, 11 de agosto de 1911.

\_\_\_\_\_. **Regimento Interno dos Grupos Escolares**. Departamento de Educação, Natal, 15 de maio de 1925.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SILVA, Gilson Lopes da. **História da educação primária na Atenas Norte-Rio-Grandense:** das escolas de primeiras letras ao Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia (1829-1929). Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2017.

SILVA, Maria da Conceição Farias da. **O Curso Normal de 1º Ciclo em Assú/RN (1951/1971).** Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2011.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Editora Unesp, 1998.

SIMONETTI, Américo Vespúcio. **Alfredo Simonetti.** Mossoró, RN: Coleção Vale do Assú, 1995.

VASCONCELOS, João Carlos de. **Assú – “Atenas Norte-riograndense”.** Natal. Tipografia Santa Terezinha, 1966.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; LOPES, Eliane Marta Teixeira; VEIGA, Cynthia Greive Veiga. **500 anos de educação no Brasil.** 3. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WANDERLEY, Romulo Chaves. **Canção da Terra dos Carnaubais.** Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1965.